
**O HOMEM, A LEITURA
E O MUNDO**

PROF. PAULO FREIRE

DRE - CAMPINAS

No dia 18 de novembro de 1987, Paulo Freire proferiu uma palestra em Campinas, no auditório da C.A.T.I., sobre "A leitura, o homem e o mundo", por ocasião do Encontro para a Dinamização da Leitura, patrocinado pela Secretaria do Estado da Educação e Divisão Regional de Ensino de Campinas.

Ao apresentar o ilustre mestre, a professora Dulce Adélia Adorno de Toledo leu um poema de Thiago de Melo e a partir dele, Paulo Freire iniciou sua palestra.

CANÇÃO PARA OS FONEMAS DA ALEGRIA

Peço licença para algumas coisas.
Primeiramente para desfraldar
este canto de amor publicamente.

Sucede que só sei dizer amor
quando reparto o ramo azul de estrelas
que em meu peito floresce de menino.

Peço licença para soletrar,
no alfabeto do sol pernambucano,
a palavra ti-jo-lo, por exemplo,

e poder ver que dentro dela vivem
paredes, aconchegos e janelas,
e descobrir que todos os fonemas

são mágicos sinais que vão se abrindo
constelações de girassóis gerando
em círculos de amor que de repente
estalam como flor no chão da casa.

Às vezes nem há casa: é só o chão.
Mas sobre o chão quem reina agora é um homem
diferente que acaba de nascer:

porque unindo pedaços de palavras
aos poucos vai unindo argila e orvalho,
tristeza e pão, cambão e beija-flor,

e acaba por unir a própria vida
no seu peito partida e repartida
quando afinal descobre num clarão

que o mundo é seu também, que o seu trabalho
não é a pena que paga por ser homem,
mas um modo de amar - e de ajudar

O mundo a ser melhor. Peço licença
para avisar que, ao gosto de Jesus,
este homem renascido é um homem novo:

ele atravessa os campos espalhando
a boa nova, e chama os companheiros
a pelejar no limpo, frente a frente,

contra o bicho de quatrocentos anos,
mas cujo fel espesso não resiste
a quarenta horas de total ternura.

Peço licença para terminar
soletrando a canção de rebeldia
que existe nos fonemas da alegria:

canção de amor geral que eu vi crescer
nos olhos do homem que aprendeu a ler.

Fazia tempo que eu não ouvia a leitura desse poema
de Thiago, que me emocionou. Vou contar rapidamente a história de
le.

Eu havia chegado a Santiago do Chile em meados de no
vembro de 1964 como exilado. Havia saído do Brasil mais ou menos
no final de setembro, começo de outubro. Propriamente não havia
saído; eu tinha sido saído. Não fui porque quis, mas porque não
gostaram que eu estivesse aqui.

Lembro-me que primeiro passei um mês e pouco em La
Paz aprendendo a ficar vivo numa altitude em que meu corpo não es-
tava acostumado; e nem sequer imaginava enquanto corpo, que houves-
se uma cidade tão alta como aquela para um sujeito viver, para os
corpos viverem. Eu que saí de abaixo do nível do mar, de repente
chego a 4 mil metros acima do nível do mar em La Paz, onde, numa
derrocada total, quase morro de mal-estar. Um mês depois saí para
o Chile pois houve outro golpe de estado na Bolívia e não havia co-
mo ficar lá. Fui para Santiago. Três dias depois de ter chegado lá,
Thiago de Mello, que, na época, era Adido Cultural da Embaixada
Brasileira no Chile, oferecia em sua casa um jantar a todos os bra-
sileiros que chegavam ao exílio em Santiago. Muito amigo de Pablo
Neruda, era uma figura absolutamente conhecida: andava nas ruas de
Santiago com uma grande flor na lapela, roupa branca e o cabelo
comprido. Sendo Adido Cultural de um governo militar, golpista,
chamado pitorescamente de revolucionário, era uma agressão ao go-
verno o que ele fazia.

No meu caso, ele recebeu-me com mais festa ainda. Jun-
tou uma intelectualidade chilena e os brasileiros que lá estavam,
Fernando Cardoso, por exemplo, Francisco Weffort, que depois virou
pai de minhas netas, um sem número de brasileiros que trabalhavam
nas Nações Unidas, e alguns exilados desempregados, que estavam à
procura de emprego. Fez esse jantar e pediu-me que falasse da mi-
nha experiência na cadeia e das minhas esperanças. Fiz uma exposi-
ção do trabalho e dos graus a que se havia chegado com ele, da ex-
periência da cadeia, assim como do começo do meu exílio a 4000 me-
tros de altura, conversamos muito.

Dois dias depois, ele telefona para a casa de outro
brasileiro onde eu costumava almoçar e passar as tardes, enquanto
não começava o meu trabalho, e lê esse poema. E diz:

- Paulo, eu te ouvi naquela noite, anteontem, e, on-
tem à noite, escrevi um poema por causa de ti.

Ele leu essa coisa linda e publicou-o depois no livro
dele: FAZ ESCURO MAS EU CANTO. Achei que seria de primeira qualida-
de. Este poema foi publicado no primeiro livro que publiquei, e
pedi licença a ele que consentiu.

Quero te agradecer esta idéia fantástica que tiveste, afetiva e inteligente, porque acho que esse poema tem que ver muito com esta reunião.

Fui convidado para vir aqui conversar um pouco sobre coisa e seres que estão juntos: mundo, bicho-homem/mulher, fala, palavra, leitura e escrita. É meio difícil separar esses componentes, não só da nossa existência, mas da existência social e histórica. Prefiro não escrever, porque faz um ano que não estou escrevendo. Não era nem questão de preferir, é que não poderia mesmo no momento. Prefiro nem sequer pensar, estruturar, organizar. Talvez alguém mais rigoroso diga:

- Puxa vida, Paulo! Esse é um mau exemplo que você dá pra quem vem aqui discutir leitura.

Reconheço que o exemplo não é muito bom. Mas não podia e preferi chegar aqui e falar um pouco com vocês como se eu estivesse sem nenhuma tensão, absolutamente relaxado e propondo a mim mesmo algumas perguntas, algumas indagações em torno do assunto.

Vamos tomar um pouco de distância do ato de ler, que é alguma coisa que todos que estamos aqui, fazemos todos os dias. Vamos fazer algumas meditações acerca disso e passear um pouco em torno do ato de ler. A impressão que tenho é que é impossível fazer essa experiência contraditória da distância e aproximação que o distanciamento provoca: interesse que, quando distanciando, a gente se aproxima. Não estou sugerindo que os maridos se distanciem em demasia das mulheres, mas distanciar, às vezes, é a única forma que tenho de me aproximar intelectivamente do objeto do qual me afasto. Vamos tentar esse distanciamento aproximativo do ato de ler. É impossível fazer isso sem descobrir ou redescobrir coisas óbvias (algumas obviedades que, às vezes, ficam puramente embutidas) na percepção de outras coisas que precisamos descobrir no sentido literal da palavra. Por exemplo, teria sido impossível ler, quer dizer, não dava, se antes não tivesse havido fala. Veja como isso se dá também com a criança, como se repete com a gente: não é possível ler sem falar; do ponto de vista de uma compreensão filosófica global do ato de ler, a leitura da palavra.

A leitura da palavra implicou necessariamente um novo passado sem palavra oral e um novo passado depois da oralidade. Não aconteceu repentinamente. É possível pensar historicamente a leitura hoje, sem pensar toda essa carga de tempo que a gente teve como bicho-gente. O que eu quero dizer é que a leitura da palavra escrita implica a pronúncia dessa palavra, e a oralidade subsequente é que a oralidade por sua vez, a palavra, demandou

antes o transformar a realidade. É isso que eu chamo "escrever o mundo".

Há duas escritas no mundo: uma escrita do mundo é a escrita que significa a transformação dele. Foi exatamente transformando ou "escrevendo o mundo" que a gente virou o que está virando. Eu não sei dizer a vocês qual foi exatamente o momento disso, mas não foi anteontem, é claro. No entanto, essa possibilidade está inclusive muito ligada ao descolamento das mãos, ao uso das mãos, mais ou menos como se faz hoje. Quer dizer, à medida em que as mãos se desprenderam, e deixaram de ser fundamentalmente necessárias ao equilíbrio, ao moverem-se, as mãos terminaram inventando indiscutivelmente, uma tarefa que refez o cérebro, o comando, e refez o corpo e eu até diria que terminou fazendo o consciente que está aí hoje, o que está sendo aí. Isso significou inclusive a possibilidade primeira de as mãos e os braços terem de virar instrumento também, o que foi um passo fantástico para chegar à leitura. Indiscutivelmente é aí que eu chamo de escrita, você leu o que foi escrito e não o contrário.

A leitura implica uma escrita anterior que, ou é tua ou é de alguém. A escrita precede a leitura, como a leitura da realidade, que é a compreensão da escrita primeira, precede a leitura da palavra. É isso que a gente precisa entender, inclusive porque o entendimento disso tem que ver com a metodologia do ensino, depois da escrita e com a diminuição de certas violências que a gente comete com relação à criança e ao adulto também.

Então foi preciso que a gente fosse virando o que a gente é, porque afinal de contas, a gente não é, a gente está sendo. E foi possível que a gente fosse virando o que a gente é, que fosse inventando uma certa natureza que a gente está tendo. E o uso, o papel das mãos foi fundamental. Foi preciso que se transformasse a realidade, que a gente soubesse de uma etapa bicho, virando gente, virando mulher e virando homem. Foi preciso que se superasse a etapa do uso das mãos como puro instrumento de colher, para levar o corpo todo já agora pensante, cada vez mais a produzir a sobrevida.

No começo a gente colhe, come, preserva-se, depois a gente continua tendo a necessidade de comer, porque o ato de conhecimento está também, muito ligado ao problema biológico, a uma necessidade fundamental de conhecer. Então, a gente sai do colher e passa para a produção da subsistência, dando um salto indiscutível.

Nisso tudo o que parece importante para nós é enfatizar essa obviedade, quer dizer, se transforma a realidade, a transformação vem quase concomitantemente produzindo a possibilidade de

falar do transformado e da própria transformação. Portanto a fala mesma se gera no ato da escrita. Tomada a escrita agora, metaforicamente, como o ato de transformar. Depois aí a fala gera a necessidade, muito tempo depois da grafia da fala. Ler nesse caso é também reescrever.

Ler implica escrever e escrever inexistente sem ler. Logo, escrever e ler são absolutamente complementares. Aqui vale a observação sobre a cultura em geral, a interferência da cultura em que estamos inseridos. É uma coisa óbvia o que eu vou dizer a vocês, mas acho que vale a pena sublinhar essa obviedade: nem todas as culturas são ricas de experiências de ler palavras. Nem todas as culturas alcançaram um certo nível de memória gráfica, quer dizer que há culturas que conservam uma forte dose de memória oral. A nossa cultura é muito oral e é oral ainda, inclusive nos centros como São Paulo. Um centro urbano como São Paulo, que é o segundo maior centro urbano da América Latina (maior que São Paulo só mesmo o México, inclusive são tão grandes em extensão como em miséria, também quanto em exploração, ambos são centros de um capitalismo selvático, periférico, malvado) tem uma marca de oralidade enorme. Isso tem que ver com a questão da leitura em casa e da leitura na escola. Toda vez que falo desse assunto, costumo dar dois ou três exemplos para comprovar a afirmação da ênfase da oralidade que temos, da memória oral.

Primeiro, um escritor (não me refiro a um romancista) um cara que escreve ensaio no campo da Sociologia, da Pedagogia, da Filosofia, etc., um homem ou uma mulher como Gadotti e Marilena Chauí, por exemplo, são autores brasileiros que podem ter a primeira edição de um livro deles com três mil exemplares vendidos, eles são considerados "best-sellers", vendendo três mil exemplares. Mas o que eu queria dizer a vocês é o disparate, o despropósito entre uma edição de três mil exemplares em uma cidade de 10 milhões de habitantes. Para ser "best-seller" numa cidade como essa deveriam vender pelo menos 800 mil livros na 1ª edição.

Segundo, é uma experiência mais próxima de vocês, com vocês próprios, que é o uso do telefone. Ninguém escreve mais carta nesse país: todo mundo simplesmente fala pelo telefone, quer dizer, o desenvolvimento tecnológico no campo da comunicação alcançou um nível bem moderno, antes que nós tivéssemos desenvolvido e podido desenvolver o gosto da leitura e a memória mais gráfica. É interessante observar: eu vivi dez anos e meio em Genebra: "A Universidade de Genebra tem o prazer de convidar o Senhor para...". Paris, Alemanha, todos, todo mundo me escrevia, como

continua escrevendo. Ninguém me telefonava, o telefone lá de casa tocava quatro vezes ao dia. No Brasil não tenho uma carta me convidando e sim quarenta telefonemas por dia, perguntando se posso participar de um seminário. Atualmente ando forçando a situação para que me escrevam. Digo: "Olha, me escreve sobre isso." Aí leio e vou consultar minha agenda, mas sem carta não posso responder. Começo a fazer isso para provocar as pessoas a me escreverem. Mas no fim acabo entrando no processo também. Para resolver as coisas mais rapidamente uso o telefone também. E, justamente, por que estou aqui, recebo dos Estados Unidos, da Alemanha, da Suíça, não só carta mas também um "toque" porque querem ter respostas rápidas e eu nem sempre respondo (por escrito) logo. Com isso eu talvez pudesse estar embutindo uma conclusão que seria a necessidade que a gente teria de, primeiro mudar um pouco a natureza da nossa memória social, histórica e oral para a escrita e depois, então fazer força sobre a escrita.

Essa não é a minha tese, mas sobre o que quero chamar a atenção é que isso tem que ver com o nosso trabalho na escola, na universidade. Evidentemente que no Brasil parece que, pelo menos, compra-se mais livro do que antes, mas isso não significa que todo mundo está lendo bastante. Há uma certa ilusão nesse pensamento. Por outro lado, vejam que isso cria uma série de problemas: cada vez mais a comunicação visual e oral ocupam espaços maiores em nossa experiência diária. Temos o vídeo, o rádio, que hoje tem uma força enorme, que está renovando-se, mas não tem tanta como a televisão. Uma das características das gerações mais jovens, hoje, é de uma comunicação diferente daquela que a minha geração conheceu. A minha geração precisa tocar no outro, falar ao outro, sentir o outro. Parece que não é bom isso que está ocorrendo hoje, pelo menos há mediação, por exemplo, do barulho para a comunicação. Com esse "rock" pesado, é impossível ouvir o outro, e, no entanto, é disso que a juventude mais gosta. Não significa que ela não se comunica, mas que o faz diferentemente de mim, que não posso me comunicar com um barulho desses. Para mim não é música, é barulho, mas eu respeito profundamente o gosto dessa juventude.

Então, como propor a leitura? Não quero falar ainda em leitura crítica, esse é outro momento sobre o qual gostaria de falar. Mas, como propor o próprio gosto da leitura, como trabalhar com uma cultura que foi surpreendida, enquanto ainda de memória oral, por uma modernização tão fantástica e necessária que estimula a oralidade? Se de um lado, concretamente, a coisa é fácil, do outro, acho que o papel da gente não seria o de esperar que cer

tas transformações sociais mais radicais, um dia ocorram no Brasil e a gente tenha melhores condições de trabalho. Não, acho que seria uma postura cômoda, mas para mim, a nossa postura crítica enquanto educadores não pode prescindir da compreensão desse quadro no qual estamos.

A leitura do texto para mim, seja o texto um artigo de jornal, um ensaio, um romance, não importa, a leitura do texto é algo que, sendo profundamente exigente, trabalhoso, é porê, gerador de um certo Gozo. Uma das coisas que, às vezes, falta à gente, (isso tudo a nós professores, em relação aos alunos, às alunas) é, ter medo talvez, de desvelar um certo sensualismo que uma boa leitura tem. Talvez seja um pouco de puritanismo ou de hipocrisia da gente, de associar sensualismo a pecado, pelo contrário, sensualismo para mim é algo absolutamente puro e bacana. Sem uma boa dose de sensualismo, a vida não teria muito significado, pelo menos para mim. Se fosse para ficar aqui no mundo sem sentir essa predisposição, era melhor ir embora logo. Às vezes, fugimos ao fato de insistir com o aluno em relação a que o ato de ler tem de trabalhoso, de sério de difícil para se desvendar o conteúdo que está metido, envolvido, coberto pelas palavras. Em primeiro lugar, essa idéia é falsa, em segundo, taticamente errada. Não se pode passar ao aluno a idéia de que ler é uma coisa simplesmente gostosa, que é uma espécie de entretenimento, uma espécie de passatempo. Uma leitura assim considerada não tem sentido, porque mesmo quando ela, quando o texto não demande de mim uma vigilância crítica, ele demanda mais emoção. Então, ele não me pede uma penetração mais rígorosa nele, mas pede que me dê mais a ele. Então, me cansa também, um cansaço gostoso, que é o cansaço que todo gozo exige. Se não houver relação de gozo com o cansaço, um gostoso cansaço, então não há gozo. É falso.

É isso que a gente precisa ter, ver, sentir, perceber, qualquer que seja a leitura seriamente feita. Estou querendo dizer que sempre me ponho diante do texto com respeito a ele, com curiosidade aberta a ele, com postura diferente conforme o conteúdo de que ele trata. Por exemplo, uma coisa é ler Manuel Bandeira, outra é ler Marx. Mas isso não significa que Bandeira também não demande minha muito de mim. Demanda minha morosidade, minha sensibilidade minha emoção, minha paixão e também (por que não?) minha compreensão crítica, filosófica, científica do que está embutido, do que poderia estar explícito e poeticamente até não precisa estar. Ler Bandeira é tão sério quanto ler Marx. Só que meu método de ler um e outro não pode ser o mesmo, a minha forma de abordagem não pode ser a mesma.

O que é preciso deixar claro, sobretudo aos jovens é que a leitura é demandante. Se de um lado ela pede até sacrifício, é preciso acabar com essa mania de pensar que sacrifício é sempre coisa ruim. Não. A leitura não é sacrificante, exige sacrifício. É diferente. Ela te cobra, não é gratuita, ela pede, ela demanda de você uma insistência que, por exemplo, o mirar de uma tarde que cai, não exige. Quer dizer, estou muito disponível a olhar simplesmente o cair da tarde, pensar sair de dentro de mim, isso é muito mais fácil que ler Engels. Mas o que é preciso deixar claro é que como todo processo a leitura implica persistência. O esforço de entender o texto, de desvelar o texto, vai preparando o teu corpo consciente para momentos de gozo, de prazer. É exatamente quando se chega a dominar o texto.

Eu me lembro e gosto muito de contar esse caso, porque o acho exemplar. Lembro-me de quando estava no Chile e estava escrevendo a "PEDAGOGIA DO OPRIMIDO", um dia, à noite, mais ou menos às 22 horas, o nosso filho mais novo veio a mim chorando. Parei de escrever e perguntei-lhe o que queria, o que tinha e ele me disse que não estava entendendo a lição da escola e queria que eu a fizesse. Eu disse: "Olha, papai não vai fazer a tua lição, mas vai te contar uma história". Virei assim na estante, apanhei um livro e disse-lhe: "Conta quantas páginas desse livro estão sublinhadas por teu pai! - ele contou e havia seis. Parou de chorar porque ficou motivado. Eu disse: "muito bem, papai começou a ler esse livro ontem às nove horas da noite, e às três da manhã, papai chegou à sexta página. Então quantas páginas papai leu por hora, das 9 às 3 da manhã?" Aí ele parou assim e disse:

- Puxa! Você passou seis horas...

Então, eu disse: "Uma hora por página. E eu não chorei e nem te pedi, nem a tua mãe pra ler por mim. Passei seis horas e entendi seis páginas e quando eu entendi as seis eu me preparei agora para entender o livro todo". Então a minha sugestão aqui agora é a seguinte: "Volta pra teu quarto, pega teu dever e faz com teu dever o que fiz com meu livro, com este livro. Se daqui a uma hora não clarear nada, volta pra cá, e aí eu discuto o dever que tu fazes." Ele foi e uma hora depois veio rindo com o dever pronto, tomou a bênção e foi dormir. Se eu tivesse feito o dever dele, teria cometido dois erros naquela noite longínqua: o 1º era ter dito a ele que me deixasse em paz e que eu nada tinha a ver com isso. Era uma recusa, afinal de contas, para um menino que veio ao mundo porque passei umas noites com Elza e não por que ele quis, em 2º lugar, era dizer a ele que me desse a lição para que eu a fizesse. Nas duas hipóteses teria estragado, possível

Não quero dizer a vocês que fui um cara bacana, também cometi os meus erros mas esse pelo menos não cometi. Era preciso, de um lado, dar apoio ao filho, dizendo: "Eu estou aqui, eu existo e tu podes contar comigo. Sou teu pai, teu amigo. "Era absolutamente indispensável dar segurança ao menino. Do outro, era preciso estimulá-lo a que ele cumprisse o dever dele, de que era capaz de fazer, provar que ele era capaz de fazer aquilo.

Ler, estudar, é isso aí. Não é possível uma leitura séria sem a assunção do dever e do gosto de ler. No fundo, você tem que virar sujeito de sua própria leitura. É por isso que para mim nem sempre funciona a idéia de um professor que exige (os professores devem ser exigentes, não estou propondo nada frouxo) dos alunos a leitura de muitos livros em um semestre. Há professores que nem sequer citam o livro todo, mandam ler 3 páginas do capítulo IV do livro. Mas por que somente 3 páginas? Até aceito que o professor diga: "Olha as três páginas..." - mas é preciso falar de que se trata o livro. É preciso justificar por que o professor sugere 4 páginas de um livro. É preciso que fique claro ao aluno: "Olha, é porque essas quatro páginas, com a experiência que tive antes da tua, tem que ver diretamente com a temática que te preocupa. Mas é preciso depois ler o livro inteiro."

Me desculpem por voltar sempre a exemplos pessoais, mas ontem, uma jovem me telefonou em São Paulo e me disse:

- Professor Paulo Freire, sou de uma Universidade e amanhã, soube que o senhor tem aula de tarde, na PUCSP.

- Eu disse: "Não, amanhã, estarei em Campinas".

Ela me disse:

- Bem é que eu tenho um trabalho para apresentar à professora na próxima semana e só tem mesmo amanhã. Mas eu garanto que não tomo muito tempo do Senhor. Pego o senhor mesmo no corredor e só tenho uma pergunta a fazer, e é muito simples.

Eu disse: "O que é que tu queres de mim?"

Ela disse:

- Quero saber qual é a concepção que o Senhor tem de ensino. Entende? Se o senhor me disser, eu tomo nota e faço o trabalho, entende?

Eu disse: "O minha filha, não posso te dizer isso.

Não dá pra te ajudar".

Ela me disse:

- Mas se o senhor não puder vir, não tem problema ne

hum. O senhor diz o livro onde o senhor diz isso.

são de ensino, da educação, a minha, não é a dos outros não, você tem que ler tudo o que escrevi. Entender criticamente o que foi escrito. Mas eu não daria jamais a você a sugestão de ler o primeiro capítulo de tal livro meu. Ou você lê todos os meus livros ou você não faz este trabalho. E ela insistiu e eu ainda lhe disse:

- Olha, minha filha, não dá. Isso não seria sério.

Vejam: não é que a moça não seja séria. Entendem a diferença. Não é. É a forma como a gente está trabalhando que não anda muito séria. É a realidade inteira do país que não anda séria. É o despudoramento que a gente se meteu nesse país. É a sem-vergonhice generalizada que está dificultando a leitura também, quer dizer, está dificultando tudo. O educador tem que estar advertido deste contexto geral. E por falar em contexto queria falar a vocês que para mim é uma coisa inviável fazer a leitura do texto sem referi-lo ao contexto. Não pode. É uma coisa que vem se fazendo pouco também. A gente precisa, por exemplo, se estou dando uma aula e cito Gramsci e sugiro a leitura de Gramsci a um grupo de jovens de 20 anos, que nem sequer sabem quem sou, porque não tem idade para isso - eles nasceram há 20 anos atrás e eu fui expulso do Brasil há 25 anos - agora imaginem se eu cito Gramsci para eles e digo simplesmente que é bom ler Gramsci. Primeiro devo dizer alguma coisa sobre ele. "Olha, o Gramsci era um cara italiano que esteve preso..." Dar um mínimo de informado contexto histórico, político, ideológico. Dar um curso sobre Gramsci para depois sugerir o livro? Não é bem isso também. É preciso que o jovem vá a Gramsci, tendo um mínimo de referência contextual, histórica, em que Gramsci escreveu, aquilo que ele vai ler. Imagine que há jovem lendo Lenine como se Lenine morasse no Guarujá ou em Campinas e tivesse escrito aquilo no ano passado. A descontextualização com que, às vezes, a gente lê é incrível.

Ler implica sensibilidade, sensibilidade no sentido de bom gosto, sensibilidade no sentido histórico, político, social. Ler não é passear em cima das palavras. De jeito nenhum. Ler é um adentramento no texto para compreender do que trata o texto. Essa compreensão não se dá na ruptura anti-dialética entre texto e contexto. Temos que ver como é que o contexto do texto operou sobre o criador do texto. É preciso chamar a atenção do jovem para isso, para estar alerta em torno dessa relação.

Outro aspecto que não pode faltar é como é que, o leitor que, no fundo, deve ser uma espécie de reescritor do texto, vai penetrar o texto desde a introdução, desde o prefácio. Tem gente que começa a leitura de um texto pelo fim. Eu não pos

na preparação para vir cá, estava lendo a introdução que uma linguísta norte-americana, muito competente e que tem um gosto enorme no que ela escreve de um livro meu que acaba de sair nos Estados Unidos, que é A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER, acrescido de 4 capítulos a mais. A pouco e pouco, ela vai entendendo esse livro e os outros porque faz uma leitura de mim, não só desse texto mas uma leitura geral que traz na introdução. Ela vai desenvolvendo a leitura de meu texto em círculos, que vão se ampliando cada vez mais e, à medida que se ampliam, vão iluminando o caminho do meu texto, que termina casado com o dela. Ela respeita o contexto do meu texto e traz o dela. Ler tem essa exigência. Trabalhei a manhã toda e depois, tomei uma hora para ler essa introdução e não passei de 4 páginas. Ela escreve com muita clareza, mas eu voltava às frases bem escritas, bem ditas, porque no ela escrever, ler e falar, estavam bastante integrados.

Então, é preciso chamar a atenção do jovem que vai começando a ler no dever que ele tem de ir, no processo de leitura desvelando alguns núcleos centrais de compreensão do texto. Nenhum texto é uma inteireza, nem pura fragmentação. Todo texto é as duas coisas. Todo texto implica movimentos que o autor lhe dá (alguns autores imprimem movimentos mais do que os outros). Todo texto implica uma ida e uma volta sempre a algum aspecto central para o autor. Seria até possível fazer uma tese de mestrado e de doutoramento estudando as idas e as voltas de dois ou três autores, no campo da Filosofia, da Pedagogia. Por exemplo, em três autores, lêem-se cinco livros de cada um e verifica-se o que eles repetem e quando repetem, como clarificam o pensamento escrito. É necessário chamar a atenção do aluno, da aluna para isso. Não é que o escritor este já repetindo-se: é preciso surpreendê-lo na volta, no ato de ler, porque se o leitor entrar na inteligência, na emoção e na razão do autor, ele o apreende melhor. Mas indiscutivelmente, há um certo momento em que o leitor começa a descobrir um certo segredo do autor, é como se, em certo momento o escritor se lembrasse que tinha dito qualquer coisa 10 páginas antes, mas que não ficou muito clara. Aí ele não diz: "Como eu disse antes", mas simplesmente volta e engata o que ele tinha dito com algo que precisa dizer, e a repetição torna-se absolutamente necessária. É tão necessária ao que escreve como ao que lê, por que quem lê é porque já escreveu ou pode escrever. E quem escreve é quem leu. Não há como arrastar esses dois mundos que são um só. A gente é que está fazendo um exagero didático na separação de ler e escrever. Seria preciso não fazê-lo. Eu teria uma sugestão nesta fala meio louca, para nós todos, nesta aula, que trabalhamos com crianças ou jovens

de escrever, reescrever, de síntese, dediquemos um bom tempo ao exercício da oralidade, à continuidade da oralidade.

Nenhuma cultura, mesmo aquelas que têm pouca memória oral, como por exemplo, Paris, que tem sua memória toda arquivada em livros e agora deve estar arquivando tudo em computadores, pode desconhecer esse fato. Os franceses escrevem a história que eles fazem diariamente. Sempre dou um exemplo que deixa muita gente estarrecida: fui a Paris quando estava no exílio, em Junho, e lá comprei vinte e cinco livros sobre maio de 68. Quer dizer, em junho já havia vinte e cinco livros nas livrarias tratando o fenômeno de maio de 68. Vocês podem me dizer que a maioria não devia prestar, mas não discuto isso, o que estou discutindo é o tipo de memória. Nós não temos ainda sobre Cultura Popular e Educação Popular de 1964, cinco livros. Há alguns livros, que discutem em certos capítulos, como o do reitor da Universidade Católica de São Paulo, Luiz Eduardo, que é um livro extraordinário, onde pega uma grande memória do M.E.B. (Movimento de Educação de Base) e põe lá. Temos também um livro muito bom de Moacir Goes sobre "De Pé no Chão Também Se Aprende a Ler", campanha feita na cidade de Natal nos anos 60. Já fiz algumas referências em trabalhos meus, mas não se têm muitos estudos sobre isso, embora se tenha falado muito sobre o assunto. "Tem se falado muito sobre isso" é a prova de novo da oralidade da nossa memória.

Então, numa cultura de memória oral como a nossa, ensinar a escrever, ensinar a pôr a palavra no papel, não pode prescindir de jeito nenhum, do exercício da intensificação da oralidade. É importante que as crianças falem, mas importantíssimo que elas escrevam o que falam. É preciso deixar claro que é importante que elas escrevam o que falam, mas não basta. Quer dizer que se nós deixássemos que essas crianças apenas escrevessem o que falam, limitaríamos o horizonte político cultural das crianças. E limitar horizontes é tarefa de reacionário, e não de progressista. Mas é impossível ampliar o horizonte sem partir do horizonte delas e sem partir da criatividade delas. O ponto de partida, uma vez mais é a fala mesma da criança, a escrita da criança, e que, em certo momento, a escrita da gente e a escrita do adulto se propõe à criança como leitura. Isso implica o salto que a criança vai poder dar e deve dar. Nesse momento o intelectual é um interferente, é uma pessoa que intervém então, aí e Gramsci e não há por que não intervir para que o horizonte da criança se alargue, cresça. O que não é possível é partir do sítio da gente.

O que vejo, às vezes, de proposta de leitura para nossa criança, feita em cartilhas, em livros de texto, com o

pois essa região admite-se como uma cabeça sábia e pensante do resto do Brasil, sobretudo na periferia nordestina! É do Centro Sul que partem todos esses pacotes para a informação da incompetência nordestina. Já é tempo de os nordestinos dizerem que tudo isso é mentira e depois é tempo de os educadores do Centro-Sul serem realmente progressistas, descobrindo que isso não é científico. É tempo de fazermos um acerto. Outro dia uma professora do Recife, falando na Universidade Católica de São Paulo sobre a experiência na escola primária no Cabo, perto de Recife, e de Educação de adultos dizia que, na verdade, as crianças estavam escrevendo a sua fala e lendo a dos outros. Dizia que em uma das cartilhas que estudou havia uma frase que dizia: "O travesseiro caiu no cangote de fulano". Era pior do que isso, um absurdo, um disparate tão disparatado, quanto numa cartilha que estudei nos anos 60, quando eu trabalhava nisso que fazia a seguinte pergunta genial: "Ada deu o dedo ao urubu?" e a resposta era: "Duvido! Ada deu o dedo à ave". Já imaginaram algo pior do que essas frases? Em primeiro lugar, em nenhum lugar do mundo, ninguém dá o dedo ao urubu. Ao papagaio, sim. Em segundo lugar, o urubu é ave também. Faz uma pergunta absurda e dá uma resposta absurda, ilógica. Isso é tão ruim quanto propor que o menino do nordeste leia "Eva viu a ave, ou a uva". É uma coisa tristonha, absolutamente tristonha, para não usar outra palavra. Não são com textos assim que se pode imprimir o gosto da leitura a alguém, pois que é que uma criança proletária, popular, de favela, pode encontrar de boniteza em textos como esses? Isso não tem significado, ela precisa ver mais originalidade, mais criatividade em nós todos, para descobrir essa relação entre ela, sua escrita e o mundo. É preciso ver qual é o mundo particular, mais imediato da criança e qual é a sua linguagem, as palavras mais fundamentais de seu mundo mais imediato. O erro, repito, seria ficar só com as palavras desse mundo e é erro também não partir dessas palavras. Você não pode ficar, mas é exatamente porque parte que não fica, e que não é possível sair dele sem entrar nele, eu não reconheço essa viabilidade na história: sair de algum lugar sem ter ido a ele. Não existe isso. Por exemplo: só posso sair desta sala, porque entrei nela; se não tivesse entrado nesta sala, não poderia sair dela. Então, não posso sair do estilo em que estou na vida, a não ser partindo dele, assumindo-o para transformar e dar o salto. Vale para todos os níveis de experiência, inclusive para o da leitura.

Por que não aproveitar a fala comum do povo? É exata

sintaxe, que é a da classe dominante, que é necessária ao povo. A

criança popular vai aprender o chamado padrão erudito, na medida em que domine bem o seu, sem se envergonhar dele, sem se acanhar, sem pudor nenhum. Quer dizer, está fazendo uma coisa válida, gostosa, assume a sua linguagem, que é uma linguagem de classe, ao mesmo tempo, reconhece que precisa dominar a linguagem da outra classe para poder brigar com ela. Isso é importante! Para poder brigar melhor com a outra classe e não porque a linguagem da outra classe é mais bonita. A linguagem da gente aqui tem seus gostos e, não tem por que de hoje em diante, não se passe a dizer "a gente chegamos". Por que está errado, por que eu também não aceitaria que eu dissesse? Mas tenho que reconhecer que há gramática por trás de "a gente chegamos" e só não estou vendo, porque não tenho competência. Mas essa linguagem é válida. É preciso que o povão que diz essa frase, aprenda a dizer também "nós chegamos", ou melhor, aprenda a dizer, não, saiba por que se diz "nós chegamos", "a gente chegou". E ele sabe no dia em que percebe que a linguagem não é só meio de comunicação, linguagem é também ideologia, política e poder.

É preciso que o menino saiba, que o jovem saiba que, inclusive, mais do que instrumento, mediação da comunicação, a linguagem, tem que ver com produto por causa do qual eu me comunico. Não sei se está claro: só me comunico com vocês aqui, porque há uma coisa chamada história e prática social que estão gerando esta própria linguagem. Não haveria comunicação, se não houvesse um antecedente do próprio objeto da comunicação, que gera o objeto.

Afinal, ensinar a ler e a escrever, proporcionar a leitura, para mim tem que ver com a compreensão da substantividade mais profunda da fala da gente, da sintaxe da gente, da estrutura do pensamento. Quer dizer que ensinar a ler e a escrever não pode se reduzir a um fenômeno puramente técnico, um aprendizado puramente técnico, porque é um ato cultural, um ato eminentemente político, um ato pedagógico que está repleto de boniteza. É por isso que ensinar a ler e a escrever também é estético, tem uma boniteza que faz parte do próprio processo de ler e escrever.

Eu terminaria essa loucura minha dizendo a vocês que o apelo maior que faço não só a vocês, mas a mim também, é o de que reconhecendo mesmo as nossas limitações e a nossa incapacidade que é relativa e deve ter sido maior ontem do que é hoje e pode ser menor amanhã, mesmo reconhecendo a nossa limitação, que se faça o possível para nunca enfrear o ato de ensinar a ler e a escrever.

Agradeço enormemente a vocês e peço milhões de desculpas por isso. É uma pergunta-resposta e, peço desculpas, eu estou muito cansado. Se eu ti

vesse qualquer aspiração político-partidária de me candidatar , não poderia dizer que estava cansado, porque líderes políticos não cansam, como militar diz que não se molha na chuva. Como não sou nem uma coisa nem outra, eu me molho e me canso. Muito obrigado e até outra vez.

=====